

Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Prof. José Carlos de Azevedo

Exmo. Sr. Procurador Geral da República, Prof. Henrique Fonseca de Araújo

Exmo. Sr. Chefe do Departamento de Direito, Prof. Paes Landim

Exmos. Srs. Professores Elmano Cavalcanti de Farias e José Francisco Resek

Ilustrados professores

Exma. Sra. Da. Darly Baleeiro, através de quem quero testemunhar, nesta hora -- em meu nome pessoal e, tenho certeza, também no do Conselho Federal da Ordem dos Advogados, que tenho a honra de integrar -- a imensa saudade e o eterno respeito à memória do inesquecível Ministro Aliomar Baleeiro, em cuja passagem pelo eg. Supremo Tribunal, nós, advogados -- e, em geral, todos os homens livres deste País -- nos acostumamos a identificar o símbolo da resistência da consciência jurídica brasileira às manifestações da prepotência e às arremetidas do totalitarismo.

Senhoras e Senhores.

Caríssimos bacharelandos

Simples nuncio do insigne paraninfo que escolhestes, meu papel se deveria cingir à leitura impessoal do discurso que ele vos dirigiu.

Perdoai-me, se não posso limitar-me a fazê-lo; se, além dos cumprimentos pessoais pela lãurea universitária que conquistastes e dos votos mais calorosos de múltipla felicidade nas carreiras que ides começar, também não posso calar a dupla carga de emoções sob a qual desempenho a missão fortuita que me coube, na festa da vossa formatura.

É já de si profundamente emocionante, com efeito -- para qualquer advogado consciente do vínculo inafastável de sua profissão com os valores universais da liberdade e da dignidade da pessoa humana -- o trazer a um grupo de bacharelandos, no instante mesmo de seu juramento solene, a palavra de Sobral Pinto, parâmetro já imortal de fidelidade vivida e provada, cotidiana e permanentemente, ao longo de tantas décadas, a esse compromisso institucional de nossa profissão.

Não cabe apresentar-vos a vosso próprio paraninfo. A eleição que o consagrou vosso padrinho afirma por si a identificação, pela Turma que se gradua, de tudo quanto Sobral Pinto representa, mercê do ideário de seu verbo abrasante e, mais ainda, do exemplo iluminado da sua vida.

Deixai apenas que vos recorde um dos seus melhores perfis -- o de seu velho amigo e também exemplar advogado Dario de Almeida Magalhães, no discurso em que lapidou, com palavras definitivas, a assimilação de Sobral a D. Quixote.

Sobral Pinto -- dizia Dario -- "é mais do que um liberal: é de alma um libertário, embora o sentimento da ordem e da hierarquia também nunca o abandonem. Nele se identifica no nosso meio o genuíno exemplar do homem livre, integralmente livre.

Nenhum poder, nenhuma força, nenhum interesse, nenhuma razão de conveniência, é capaz de sufocar-lhe na garganta a palavra que brota incontida e ardente da consciente intemorata" (...). "E para resguardar a sua liberdade, a fim de colocá-la generosamente ao serviço da liberdade dos outros e de todos, Sobral Pinto se despreendeu dos vínculos que o poderiam constrianger ou tolher-lhe os movimentos. Cargos públicos, posições políticas, relações de emprego ou societárias, a tudo renunciou, para não ter dependência de qualquer natureza. E nessa dura servidão à liberdade, este afetivo, este sentimental, que cultivava as amizades carinhosamente, como um abrigo em que se refugia a sua sensibilidade nas pausas fugazes das suas imensas lutas, sangria o coração frágil, mas não capitula, nem mesmo em face das relações mais caras ao seu afeto, quando o dever de consciência lhe impõe, inexoravelmente, o protesto contra a opressão ou a iniquidade". (...) "Bravura indomável e sem desfalecimentos; fé inteiriça, sem frinchas, capaz de vencer todas as adversidades, sufocar qualquer sussurro de dissolvente ceticismo, e manter sempre viva a esperança; espírito de caridade, que se traduz no dom de si mesmo, sem buscar recompensas, nem mesmo gratidão; fidelidade imaculada a certos princípios e objetivos, fixados através de uma bússola interior, sempre imantada para o rumo certo, para manter a coerência e impedir desvios, no nevoeiro das perplexidades. Quem ignora que Heráclito Fontoura Sobral Pinto ostenta na sua panóplia de cavaleiro todas essas armas formidáveis?".

E o que impressiona é que este retrato de heroísmo cotidiano permanece atual ao correr das décadas: este Sobral - assim descrito há mais de dez anos, como em termos semelhantes já fora descrito há vinte, trinta, quarenta anos atrás - é o mesmo com quem - por privilégio que venero - me tenho encontrado nas reuniões do Conselho Federal da Ordem, sempre o primeiro, de dedo em riste, quando se trata de profligar injustiças, denunciar vilanias, cobrar incoerências, reivindicar liberdades: impertérito nos seus quase 85 anos - esses anos que, como diria o mesmo orador, "devem ser contados em dobro, pelas lutas bravias e constantes em que foram vividos - como aos militares se conta em dobro o tempo de serviço de guerra".

Se, para qualquer advogado consciente - repito - é, por tudo isso, fonte de inarredável emoção transmitir aos jovens bacharéis de hoje a mensagem veneranda que Sobral Pinto lhes escreveu, no que, em particular, me diz respeito - escusai-me dizê-lo - esta emoção acresce e ganha contornos insuspeitados com a circunstância de dirigir-se ela em especial, a bacharéis da Universidade de Brasília.

Sou hoje, nesta cidade, um dos raros remanescentes daqueles poucos que vivemos a experiência inolvidável dos primeiros passos da saga da Universidade de Brasília, desde o já tão longínquo abril de 1962.

Alguns, mestres de grande e merecida nomeada. Entre eles, falando nesta solenidade, é-me impossível silenciar o preito de saudade ao estruturador do Curso de Direito, em que hoje vos laureais: o meu inesquecível mestre A. L. Machado Neto, a quem a morte tão cruelmente prematura não impediu de deixar - além da obra intelectual - das mais significativas na Filosofia do Direito e, em geral, nas Ciências Humanas do Brasil - a memória de uma vida que, não obstante breve, ficou marcada por exemplos de tão rara bravura moral e de tão impávida coerência - os maiores dos quais identificados com a sua passagem por esta Universidade - que, em verdade, na cátedra, fizeram dele um símile do padrão erigido, no pretório e na vida pública, pelo vosso paraninfo de hoje.

Outros, como eu, éramos simples instrutores.

Uns e outros, porém, vivemos naqueles anos um período que nos identificou para sempre com o destino da idéia da Univer-

sidade de Brasília, malgrado as vicissitudes por ela atravessados. Foram, afinal, tempos que nos pareceram o da realização de um sonho; da miragem que nos comovera no chamamento dos seus fundadores: a de realizar, pela primeira vez em nosso País, uma universidade que nascesse vinculada ao duplo compromisso que Darcy Ribeiro - o maior dos seus sonhadores - chamaria de "as duas lealdades básicas da UnB": a lealdade com os padrões internacionais do saber, posta a serviço da outra, a lealdade para com o povo brasileiro, contraprestação devida ao privilégio da educação universitária.

Sabeis, porém, que, para nós, o sonho da realização desta empreitada durou pouco. Fomos escorroçados pelo vendaval da intolerância estimulada pelo servilismo que acabou na grande crise de outubro de 1965. Conforta-nos saber, porém, que muitos já retomaram - mesmo nos anos difíceis que se seguiram - e muitos outros hão de retomar a mesma tarefa.

Compreendi, no entanto, que eu não tenho logrado recalcar, neste momento, o gáudio imenso, a alegria indisfarçável, e até orgulhosa, de que - seja embora por simples coincidência - neste retorno fugaz e ocasional à tribuna da Universidade de Brasília - a mim, o mais obscuro dos vitimados pela intolerância e o servilismo de então, me caiba hoje dar voz a páginas de Sobral Pinto, que aborrece toda forma de despotismo e abomina toda espécie de submissão moral ao poder.

Eis, caríssimos bacharelados, a mensagem de vosso parainfo: